



Nossa Senhora da Assumpção

(SANTO THYRSO)

(Esculptura de João da Fonseca Lapa)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Emiliano de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

**Bordados
Schweizer**

directamente da Suíssa,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 80 figurinos novos com a nostrar bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suíssa 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca ontra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Saia bordada em cambraia
N.º 1055
A saia inteira contém:
Disponível nas seguintes cores:
Preço da saia inteira
Fracs 13.80
franco de porte
Schweizer & Co.
Lucerna, Suíssa

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suíssa).

Rol da desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO* -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.
Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.
Professores estrangeiros para a ensino das linguas.
Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviám-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perreira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de agosto de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 7 — Anno I



D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primaz

(Homenagem da "Ilustração Catholica,, ao saudoso Prelado no nonagessimo dia do seu fallecimento)

D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA



ALHEIO ás lides da imprensa, tinha-me escusado systematicamente a collaborar em publicações periodicas ou numeros unicos, tanto mais que a consciencia me diz que a minha humilde prosa não faz alli falta alguma.

Leva-me hoje a quebrar uma vez sem exemplo, essa linha de conducta a circumstancia de se tratar de uma homenagem a prestar a um vulto venerando que não só foi meu collega no episcopado, mas ainda foi meu antecessor no titulo de Arcebispo de Mytilene e no cargo de Vigario Geral do Patriarchado. Estes laços que a elle me ligam e o facto de elle morrer no exilio por ter cumprido o seu dever justificam de sobra a excepção que abro.

Ao ir para Lisboa, tomar conta do meu espinhoso cargo, eu tive occasião de observar quanto era querido o meu venerando antecessor e de conhecer quanto a sua acção fôra bemfazeja e caritativa.

O Senhor D. Manuel Baptista da Cunha era naturalmente retrahido, avesso a exhibicionismos, fazia o bem a occultas; e quasi ficava ignorado, se as suas obras não protestassem bem alto contra o escondimento a que elle voluntariamente se condemnava. Prova evidente do que deixo dito temo-la no impulso que deu á *Associação protectora dos Operarias*, benemerita instituição que foi tão mal comprehendida e que se destinava a combater uma das principaes chagas sociaes da capital, onde o elemento operario, alheado em geral de toda a influencia religiosa, tão facilmente se desorienta e corre a engrossar as fileiras do socialismo e do anarchismo. Se esta obra não deu tudo o que d'ella se podia esperar, se, como tantas outras generosas tentativas, não conseguiu realizar intensa e duravelmente a tarefa humanitaria a que se propusera, não poderá o insuccesso attribuir-se a menos esforço ou boa vontade do Prelado caritativo que sempre se vira á testa d'ella, animando com o seu exemplo e com os seus sacrificios os que a seu lado trabalhavam com o mesmo fito de melhorar a sorte dos proletarios. N'um paiz infelizmente falho de iniciativas como o nosso, o Snr. D. Manuel Baptista da Cunha quiz reagir contra a indolencia que atrophia a nossa raça e mostrou comprehender n'uma epocha em que a acção social catholica entre nós era ainda quasi um sonho de utopista, a palavra inspirada de Leão XIII convidando o clero a *ir ao povo*. E' summamente consolador para mim, Bispo catholico, o poder contrapôr aos que accusam a Igreja de não comprehender as aspirações do povo sedento de justiça, a acção d'este Bispo portuguez que sacrificava os seus recursos ao nobre intento

de levantar moral e materialmente o nosso operariado.

Como homem de piedade soube tambem o saudoso Arcebispo de Mytilene dar aos seus subordinados edificantes lições. Escravo do seu dever attendia com admirável exactidão ás variadissimas attribuições do cargo que desempenhava, e do pouco tempo que annualmente tomava para repousar de seu trabalho fatigante sabia tirar ainda alguns dias para com os padres do Patriarchado, se recolher em exercicios espirituaes, a renovar e a reanimar o espirito para as incessantes lides do seu ministerio. Ainda hoje, volvidos quasi tres lustros é recordado no Patriarchado Olisiponense a sua elevada competencia em assumptos de disciplina ecclesiastica. Alliando a um saber profundo uma rara prudencia e um grande conhecimento dos homens, elle era o conselheiro sempre prompto a esclarecer as duvidas, o mestre a quem o clero consultava na certeza de encontrar uma norma segura que o orientasse no desempenho da sua missão tantas vezes espinhosa e ingrata. Na materia, tão importante, do registo parochial a sua auctoridade era justamente havida por classica, e a ella se devem esclarecimentos e normas que constituiram verdadeira jurisprudencia n'este assumpto.

Embora não fosse elle o Pastor da Igreja Lisbonense interessava-se por ella como se pesasse sobre seus hombros a responsabilidade de a reger: conhecia todos os padres do Patriarchado e tinha presentes, com uma perspicacia e uma memoria admiraveis todos os negocios que interessavam ás parochias d'aquella vasta diocese. Ao dirigem-se a elle pela primeira vez, os ecclesiasticos ficaram surprehendidos ao encontrar um Prelado que parecia conhece-los de longa data e lhes fallava das suas freguezias como se as visitasse com frequencia e as tivesse estudado de perto. Era verdadeiramente o que se chamava um homem de governo.

E tudo isto, bem será repeti-lo, o Senhor D. Manuel Baptista da Cunha o fazia tão subtilmente, tão longe de todos os olhares indiscretos, furtando-se ás seducções da popularidade que foi necessario por vezes decorrerem annos sobre os seus trabalhos para que a evidencia dos resultados se impozesse e collocasse em destaque a sua personalidade que elle tanto se obstinava em manter na penumbra. Mas o merecimento verdadeiro impõe-se, e tem isto de proprio que se torna tanto mais palpavel quanto mais pretende occultar-se. Foi o que succedeu ao meu saudoso antecessor no titulo de Arcebispo de Mytilene, cujas benemerencias, se estão evidenciando agora que a morte no-lo arrebatou, quando já ninguém pôde ter interesse em lisonjea-lo. Sirva este testemunho posthumo de compensação á injustiça com que alguns por ventura o tenham apreciado em vida.

A sua caridade, verdadeiramente evangelica, de-

line-a bem um dicto ingenuo de labios populares que tantas vezes me chegou aos ouvidos nos primeiros tempos da minha estada em Lisboa. Eram os pobresinhos que chegavam a meude ao paço de S. Vicente de Fóra, e ouvindo que o Senhor D. Mannel Baptista da Cunha retirara para Braga exclamavam, recordando as suas esmolos: *O Senhor Arcebispo era um santo*. Com estas palavras fecho o meu artigo e não posso encontrar para elle remate melhor.

Poiares da Regoa, 1913.

MANUEL, ARCEBISPO-BISPO DA GUARDA.

Chronica da semana

VII

A ordem governamental que cerrou as portas do collegio militar ao filho de Francelino Pimentel vem enfileirar ao lado das deshumanidades escandalosas que successivamente, no proposito de defender pela irradiação brutal as instituições vigentes, os ministerios republicanos teem praticado.

exercito. A questão, porém, não deve ser collocada n'este pé de irreconciliação e intransigencia legal. A lei só vale, á face da justiça, pela applicação que d'ella se fizer: e assim como Francelino Pimentel continúa sendo para o paiz uma indiscutida prova de gloriosos feitos militares, apesar de encarcerado e destituido do seu cargo, assim tambem a resolução ministerial acêrca do seu filho, representa uma arbitrariedade anachronica que repugna ainda aos mais empedernidos corações, porque a instituição do collegio militar não foi nem podia ser creada com o intuito de exercer represalias, senão com o fim caritativo de conceder aos defensores do territorio patrio o galardão dos seus serviços, e porventura manter nas suas familias o prestigio d'essa nobilissima função patriotica.

Franco Monteiro contou ha dias na *Nação* um factó passado em época semelhante, de dissensões e inimizadas, e d'elle resalta a conducta unicamente admissivel a quem pretende levantar no paiz um monumento de apaziguamento geral e não uma barreira intransponivel de odios irreconciliaveis e irrefragaveis. Reproduzimo-l-a apenas como elucidação.

«Visitava o snr. Dom Miguel I o Collegio Militar, formando os alumnos em parada, para que S.



Palacete offerecido pelo Ex.^{mo} Snr. Commendador Bento d'Aguiar, onde ultimamente residiu e falleceu o Ex.^{mo} Prelado

E' certo que ao heroico official do Cuamato já foram substituidos os galões pela taboleta de presidiario, sobre a qual o collar honrado da Torre e Espada cae como um contraste calcinante; e que não deixa de ser racional a decisão do governo, não consentindo a estada de um filho d'um homem que já não é membro do exercito, n'um collegio destinado á instrucção dos filhos de officiaes do

M. lhes passasse revista. El-rei era acompanhado de alguns officiaes e um d'estes, quando passou junto de um alumno, aponta-o ao monarcha, dizendo:

—O pae d'este, meu Senhor, está entre os rebeldes da Terceira...

El-Rei approxima-se do infeliz rapaz, afaga-o e diz para o lisongeiro, que talvez, depois da sua

derrota, fosse um partidario do constitucionalismo vencedor:

—Coitadinho! Está privado da protecção e do amparo de seu pae... Estude e porte-se bem, que eu o protegerei...»

Na singeleza d'esta phrase, tão fielmente rememorada pela brilhante penna do illustre veterano da *Nação* esvoaça uma pureza de sentimentos limpidos como a velha alma do Portugal d'outros tempos—reflexo d'uma sanidade moral e d'um caracter austero, que os azares da historia arrebataram...

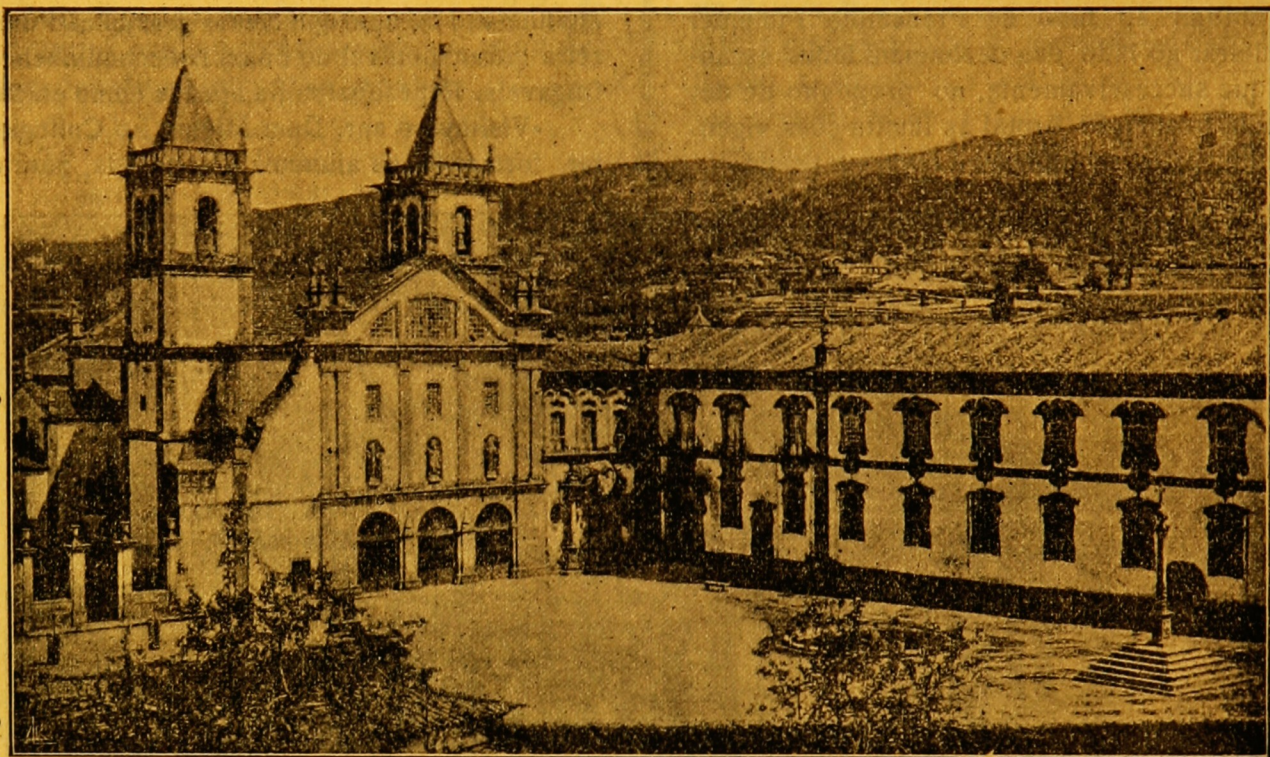
Porque não somos hoje assim?

Eis um problema de multiplices aspectos, e d'uma profundeza mysteriosa, que encella, dentro das suas malhas, o segredo da nossa derrocada.

Aquella brandura de costumes que pejou as apostrophes solemnes dos jornaes e foi, e é ainda, ponto de referencia obrigado em muita discursata

executando um programma de democracia muito mais vigoroso, sincero e pratico que dava o soberano como mandatario legitimo d'um povo, para a direcção dos seus destinos. O equilibrio das classes era um facto, era a propria verdade. Esse equilibrio quebrou-se, o paiz dividiu-se em mil facções. A' conjuncção nacional de todos os esforços, sobrelevou a preocupação systematica de desencadear um conflicto entre elles.

A expulsão de Francelino Pimentel dos quadros do exercito, é um symptoma, uma consequencia fatal da doutrina de individualismo exclusivista que se enthronizou no poder luzitano ha um seculo. Aquillo que póde chamar-se a *élite* republicana não é uma verdadeira aristocracia—selecção continuada e benefica—mas uma oligarchia prepotente, que conduz á desagregação, ao putrescimento dos costumes, ao rebaixamento do character, á agonia tremenda, e faz lembrar o ciume de que falla



SANTO THYRSO.—Egreja matriz

vulgar, representa alguma coisa de bom e de caridoso, palpitante no regaço uberrimo de Portugal.

O nosso povo não tem belluinos instinctos de matança. Das nodoas que polluem o fulgor da sua vida não lhes cabe a responsabilidade, mas ás cavillações da politica, á momentanea eclosão de banditismo ateados por inconfessaveis e ás vezes indecifreveis intentos.

A antiga aristocracia patria, por exemplo, não fechou nunca os seus castellos á pobreza, ao desconforto e á fome. Elemento necessario á estrutura do corpo nacional, falho de iniciativas fortemente nucleadas, molle, á espera sempre do empurrão orientador, ella realisou de facto no paiz um alto papel de beneficente assistencia, e de consolidação. Atravez de oito seculos de vida, nós nada devemos ás democracias hodiernas que tiveram o seu berço n'um monte de ruinas e cinzas. Antes, muito antes, de surgir em plena Europa o principio liberal da democracia monarchica, já em Portugal se vinha

Othello:—monstro de olhos verdes que esurma e instilla o veneno com que se alimenta...

F. V.



Dr. José Correia da Silva Menezes
(medico de Lamego fallecido em 1809)

FIGURAS DA BEIRA

I

D. Antonio Thomaz da Silva Leifão e Castro,
Bispo de Lamego



Antonio Thomaz não era da Beira: era de Lisboa. Foi mesmo poucos annos Bispo de Lamego. Comtudo, a sua grande alma integrou-se tanto na vida da bella diocese em que morreu, que ficou sendo, e dentro das mais commovidas saudades, uma adoravel e luminosa figura da Beira.

Para mim, é um dos mais santos amigos que póde ter uma existencia atormentada

No tempo em que o conheci, era eu um livre-pensador pittoresco. Redigia uma gazeta cruel, na qual a politica regeneradora levava *taponas* que,

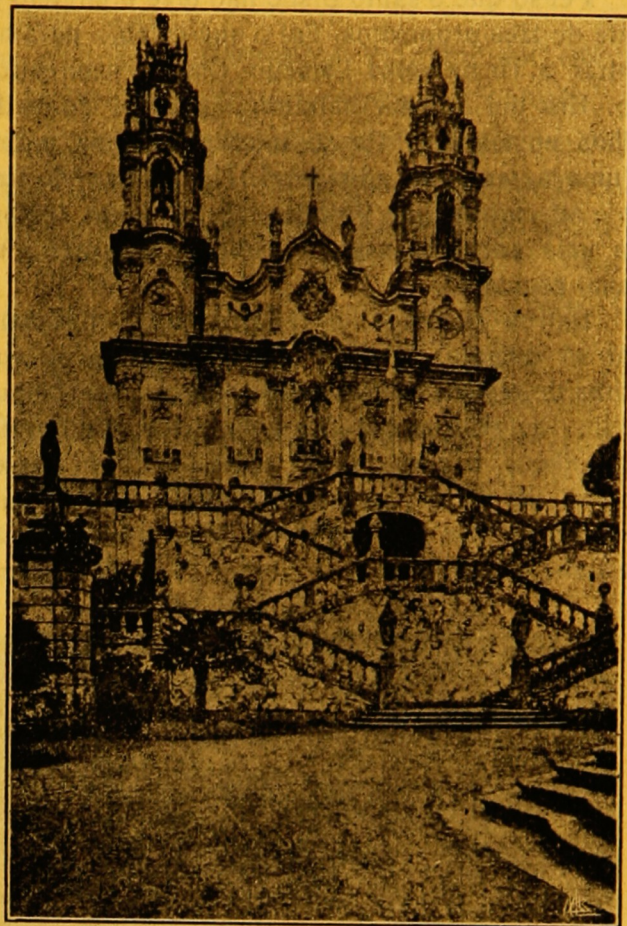


Dr. José Correia de Menezes
(Medico de Lamego)

por pouco, não prostaram ministerios. Eu fulminava não só regedores de parochias, como o proprio administrador, e as vereações muicipaes. Frigia-os e deslombava-os a todos com tiradas em que havia a emphase de Volny e a magestade pseudo-scientifica de Raynel. E, no fundo, fervia aquelle meu racionalismo do *Diccionario Encyclopedico* que me não deixava dormir... porque eu ia rezando ás escondidas e até ás claras.

Comprehende-se o pavor dos politicos indigenas. Creio que perturbei as honestas digestões de muitos... pelo menos, com violentas barrigadas de riso. Entretanto, alguns fingiam detestar-me.

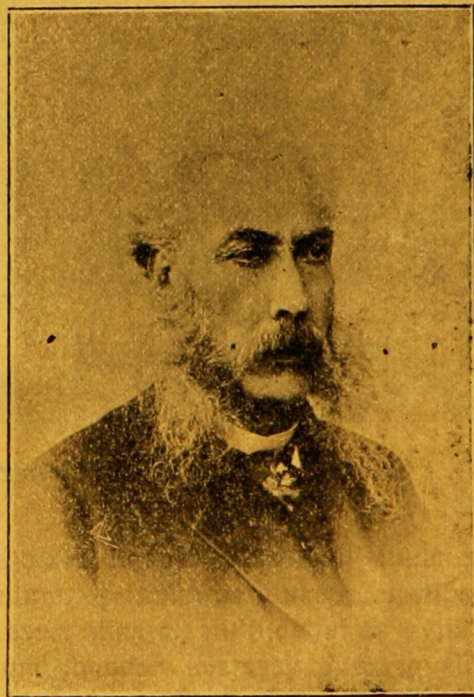
Era para me *darem corda*. E conseguiam-no. O que eu dizia já—esperançoso Titã!—dos frades, e até dos padres! Fusilava-os de esguêlha, constantemente, systematicamente, e, afiial de contas, o que eu queria era que todos vissem o meu scepticismo! Não acreditava em nada, em ninguem. E' verdade que eu igualmente não acreditava em mim proprio... porque ia rezando, pensando em Santa Maria Maior, minha Madrinha, em Fr. João de Neiva, na alma religiosa de meu Padrinho, no tragico e sublime olhar do Senhor da Agonia do velho cemiterio de Lamego, no esplendor de Nossa Senhora dos Remedios.



LAMEGO — Sanctuario de N. Senhora dos Remedios

*

Finara-se D. João Rebello, Arcebispo de Larissa, por mim atacado em *suetos* sangrentos, como brilhantemente encomiado pelo nobre e talentoso Conde de Samodães.



Dr. João Mendes de Magalhães

D. Antonio Thomaz veio, da sua diocese do Congo, para a de Lamego. E eu afiei a espada de... zinco. Isolado na minha redacção provinciana, tive monologos shakespeareanos: — *Quem é agora este bispo? Julgar-nos-ha pretos de Angola?! Pois vae ver o que é a imprensa livre! Racho-o de meio a meio!*

Penso que o santo Bispo não teve o minimo rebate de taes propositos. Foi o que valeu... para não entrar a rir na velha Lamego. Chegou sem estrondo. Era um homem baixinho, moreno, de bellos oihos nostalgicos. Fronte intelligentissima, ampla, d'uma serenidade admiravel. Um sorriso tão franco e affectuoso, que Voltaire, ao pé d'elle, lembraria uma pobre mascara satanica, pendurada n'um banal esqueleto.

Entrou no Paço, e reduziu logo o pessoal a um só creado. Dias depois, começaram as suas obras de restauração do velho edificio. Ajardinou o atrio. Renovou as paredes e os tectos. Melhorou a bibliotheca, a cêrca, todos ou salões. Para elle escolheu um quarto pequenino, muito caiado, muito luminoso, onde poz um leito de ferro que vestiu de linho sempre lavado e fresco. O escriptorio me-



D. João Rebello Cardoso de Menezes
Arcebispo de Larissa

receu-lhe muita limpeza e ordem. Era o seu aposento predilecto. Quanto ao refeitório, era uma toa-lhasinha alva ao fundo d'uma grande meza em que mal comia peixe e vegetaes, bebendo muita agua pura. O seu unico creado chegava para tudo, porque o santo Bispo tambem trabalhava na faina domestica, se fôsse preciso.

A tanta singeleza, frugalidade e aceio — era irreprehensivel toda a sua roupa — correu na cidade que D. Antonio Thomaz era franciscano. Além d'isso, não sahia de carruagem quasi nunca.

Visitava o Conde d'Alpendurada... mas para lhe pedir pelos pobres, depois de por elles ter re-

partido toda a congrua... e os rendimentos d'uma pequena fazenda que tinha em Africa.

Já o mirava os diabetes, e era incançavel no culto, era sempre presente nas procissões, sempre ministrando os sacramentos, fazendo prédicas, redigindo bellas pastoraes, e ainda escrevendo livros, como os que deixou sobre a *Escravatura* e sobre *S. Thomé*, o apostolo.

JOSÉ AGOSTINHO.

A Virgem costureira

Um leigo de um afamado convento que florescia em melhores eras, homem de coração simples, tinha um ardente amor á Virgem Santissima, e vivia com muito pesar de não ter na sua cella nenhuma imagem da Senhora a quem dirigir as suas orações, e dar-lhe culto. Encontrou certo dia n'um retirado esconso do mosteiro uma esculpura da Senhora; tão deteriorada, porém, pelo tempo e pelo pó, que causava pena. Cheio de gozo a levou para a cella, e a limpou muito bem, e viu que se um pintor a restaurasse ficaria bella e como nova. Então cahiu de joelhos e disse :

— Minha mãe ! bem sabeis quanto desejo que esta vossa imagem seja restaurada, e que n'ella vos seja dado culto ; mas sou tão pobre, que se vós me não auxiliaes, não poderei fazel-o; assim, supplico-vos que trabalheis commigo afim de que isso possa realizar-se.

Em seguida foi a casa de uma senhora muito caritativa, e lhe pediu costura para uma pobresinha afim de que com o que ganhasse se podesse vestir decentemente.

Aquella senhora deu-lhe o que pretendia. De ahi foi o bom leigo comprar linha, agulhas, dedal e thesouras, e levou tudo para a sua cella e o apresentou á Senhora, dizendo-lhe:

— Senhora, fostes no mundo muito boa costureira; é preciso que me ajudeis com as vossas bemditas mãos a reunir o que necessito para restaurar a vossa imagem.

Sorriu a Virgem, e o leigo encaminhou-se aos seus trabalhos. Quando voltou encontrou feita a costura, tão bem cosida e perfumada, que a senhora ficou satisfeitissima e lh'a pagou muito bem.

A costura que passava pelas mãos do pobre leigo cobrou tal fama que depressa pôde restaurar a santa effigie.

Chamou, porém, a attenção dos outros religiosos e do guardião o facto de um pobre leigo poder fazer essas avultadas despezas, e um dia esconderam-se para ver o que na cella fazia.

E viram então que se lançava de joelhos deante da Senhora apresentando-lhe umas roupas por fazer, e que a senhora estendia as suas bemditas mãos, colhendo-a com um semblante doce e compassivo.

Então o guardião e os discretos religiosos se prostaram de joelhos exclamando : — Bemaventurados os simples e pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos céos.

O que as Mães devem saber!



O caracter triste e sombrio... e o traço indelevel que fica d'uma infancia, á qual se suffocaram as naturaes expansões e folguedos, em que precisa de trasbordar a vida exuberante d'ella.

(JULIO DINIZ. — «As Pupillas do Snr. Reitor.»)



CONVIDADO a subir a esta magestática tribuna, pela illustrada Empresa d'esta esperançosa Revista, lembrei-me que devia recusar-me a acceder a essa honrosa proposta.

Mas emfim, como entendi que os echos da minha intensa e velha propaganda em favor da *mulher* e da *creança*, não teriam ainda attingido os precisos limites e convencido os algemados pelos preconceitos, resolvi tambem vir aventurar-me a traçar aqui, parte do caminho a seguir, na conquista do Ideal, sob a bandeira vencedora cuja divisa é o *talent de bien faire* — a que viza a Hygiene Geral e mormente a Maternal e a Infantil.

— Como diz um auctor francez, é costume lembrarmo-nos de lamentar — «o cego que nunca viu a luz do dia, o surdo que nunca ouviu as harmonias da natureza, o mudo que nunca pôde exprimir a voz da sua alma», e em regra esquecemo-nos de ensinar como se deve instituir a defesa individual e familiar, contra os selvaticos e constantes desvarios da imprudencia e contra os funestos e inesperados contratempos da sorte, que cega uns — para que não vejam o bem; e conquista e seduz outros, com lagrimas da crocodilo, — para que se aproximem dos devoradores abysmos do mal, que cria a decantada *tristeza contemporanea*, que nos tem arrastado á *degenerescencia da raça*, contra a qual temos de pôr as *mães alerta*, esclarecendo-as na pratica do *crime humanitario* e sublime, de matar estes dois flagellos dos ultimos seculos, por meio da prophylaxia social.

E' preciso que todos quantos se destinaram á agri-dôce missão de salvaguardar a saude publica, libertem as mães dos innumerados preconceitos, ou das velhas superstições, cuja importancia tenho assinalado no jornalismo e na clinica e demonstrado existirem

em todas as classes, que nunca se libertarão d'elles, sem que os medicos desçam dos seus gabinetes magestosos, até á opinião publica, desorientada e ignorante.

A sociedade actual, ainda nem sequer comprehendeu os cuidados que importa dispensar aos velhos e aos doentes, ás mães e ás creancinhas!

D'este modo, um grande numero d'estes preciosos sêres ficam sem tratamento e em regra, não é senão quando o mal os tem já esgotados e semi-mortos, que se convida o facultativo, impondo-lhe o dever moral, scientifico e, por vezes, de amizade, de salvar, ou



Dr. Candido Bacellar

o que deixaram estragar demais, ou o que o curandeirismo (1) veio inutilizar de todo...

Assim, dir-vos-hei, amaveis leitoras, que a assistencia medica é completamente phantastica e mallograda, uma vez que nós não podemos fazer milagres.

Para mostrardes que cultivaes em vosso diamantido e bem formado coração, não um

(1) Contra este, ando ha mais d'um anno, n'um inquerito nacional que comeci em 1911, por este axioma de critica, publicado n'um artigo de vulgarisação scientifica, inserto no «Almanach Illustrado da Educação Nacional» — (Porto, 1912): «A maioria dos que usam, (abusando!) da clinica, ignoram que esta é a mais difficil das profissões».

pseudo-sentimentalismo, mas uma veneração sem limites pelas indescritíveis alegrias do lar, nunca vos esqueças de vos emancipar dos erros que vos aponto, dominado pela tristeza que elles me fazem experimentar, perante os *non possumus*, de que o nosso espinhoso sacerdocio de bem-fazer, está semeado.

Entre esses erros que nos envergonham e definham, occupa lugar primacial o do abuso do assucar que segundo os propagandistas e collegas Paul Carton e Amilcar de Sousa, dá lugar ao envenenamento chamado *sucrisma* e é causa de enterites, diarrheas e insomnias das creanças, bem como arruina o estomago e os dentes dos adultos, e nos velhos, forma a diabetes.

Um dos assucares mais toleraveis é o dos fructos, que procuraremos tomar, ingerindo-os diariamente, pelo menos em jejum e quando tivermos sede.

E por hoje, basta de mais incommodo, não vos parece?

Cervães (Prado).
(Continua)

CANDIDO BACELLAR.

Cesto de costura



*O meu cesto de costura . . .
Deram-m'o era bem menina,
Tão travessa e pequenina . . .
E, no entanto, ainda dura.*

*Sua verga, um pouco escura,
Flexivel, lustrosa e fina,
Como a haste de uma bonina,
E' de linda contextura . . .*

*Bom e fiel companheiro,
Confio d'elle o agulheiro,
Linhas, fitas e o dedal.*

*Sua verga, um pouco torta,
E' velhinha, mas que importa . . .
Para mim, oh, quanto vale! . . .*

FRANCISCO SEQUEIRA.



O pôr do sol

(Cliché do distincto amator phot. L. Souto)



Um aspecto do desembarque na quinta da «Torre Bella»

Decorreram brilhantemente as regatas ultimamente realizadas e promovidas pelo Club Fluvial Portuense e em que tomaram parte alguns socios do Club Villacondense.

As corridas foram em numero de oito, effectuando-se entre o Caneiro de Avintes e a Pedra Salgada, estando a balisa da chegada a meio do rio, em frente á quinta «Torre Bella» do sr. José Pereira Bessa da Silva Cardoso.

As corridas deram o seguinte resultado:

1.^a corrida, *renders* a singellos entre a «Diu» e a «Ave», ganhando esta.

2.^a corrida, *reuders* a singellos entre a «Ave» e a «Die», sahindo vencedora a «Diu».

3.^a corrida, *ontrigger's* a quatro remos, dedicada á marinha de guerra portugueza (premio, uma abotoadura d'oiro, offerecido pelo sr. Joa-



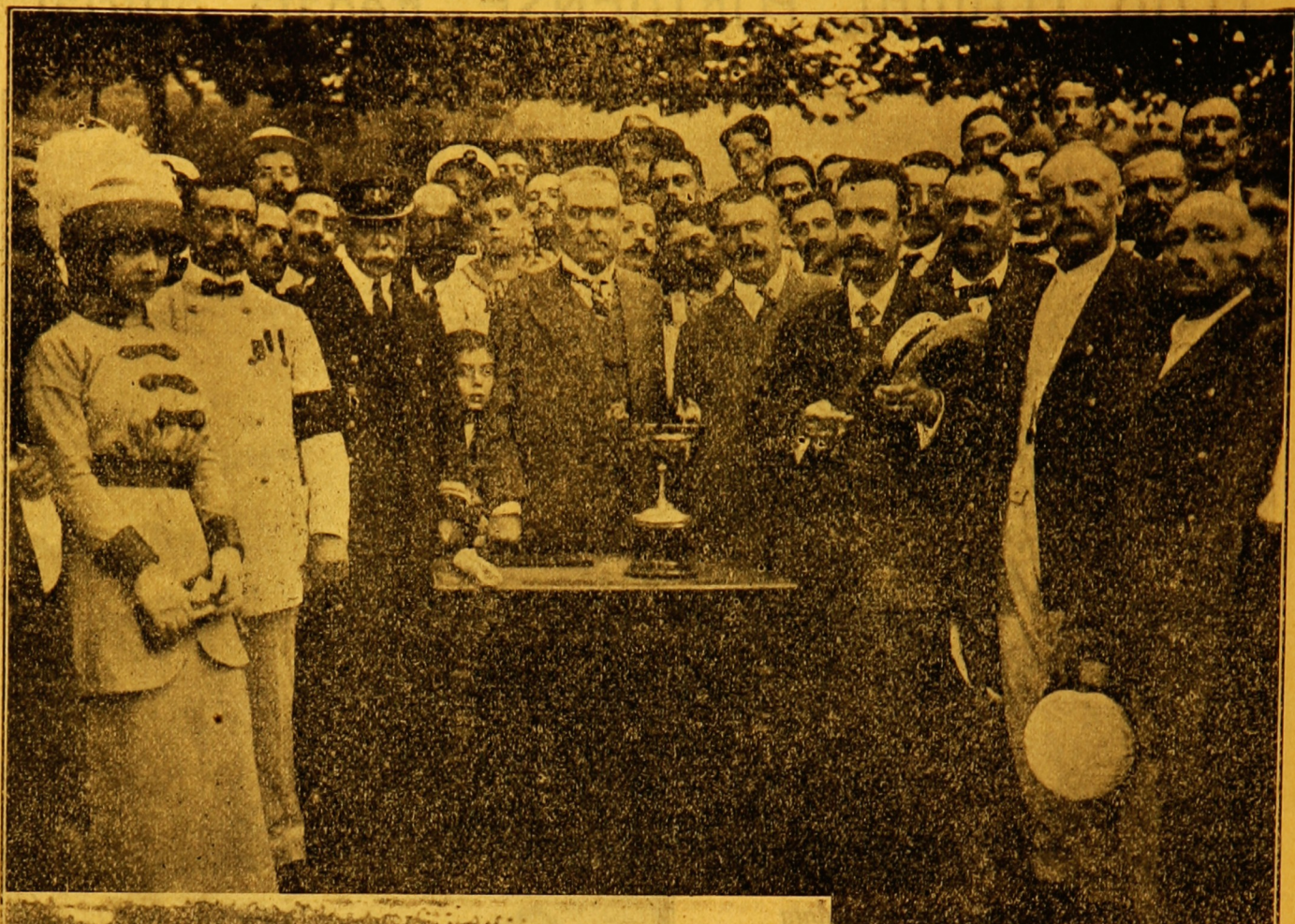
*José de Souza Magalhães,
vencedor da «Taça Rio Douro»*

quim Rombert, socio do Club Fluvial). Tomaram parte n'esta corrida a «Aura» e a «Diva» ga-

Corridas de Gu'gas

Tripulação vencedora da «Taça Rio Douro»





Um aspecto da assistencia



Corrida de escaleres

Tripulação vencedora da «Taça Fenianos»

nhando esta ultima. N'esta corrida foi disputada pela terceira vez a «Taça Rio Douro».

4.^a corrida, *renders a doubles*, dedicada ao Club Fluvial Villacondense tomando parte a «Diu» e a «Ave»; o premio que era uma linda campanha de prata e foi offerecido pelo Club Fluvial Villacondense, foi ganho pela «Ave».

5.^a corrida, escaleres a quatro remos, dedicada ao Club Fenianos, tomando parte o «Vouga» e o «Neiva». Ganhou a tripulação do «Neiva» que ficou detentora da «Taça Fenianos».

6.^a corrida, *renders*, entre a «Diu» e a «Ave». Esta corrida foi disputada entre os socios do Club Fluvial Villacondense sahindo vencedora a «Ave».

7.^a corrida, canôas; ganhou a «Cilia» tripulada por Joaquim Bessa de Araujo.

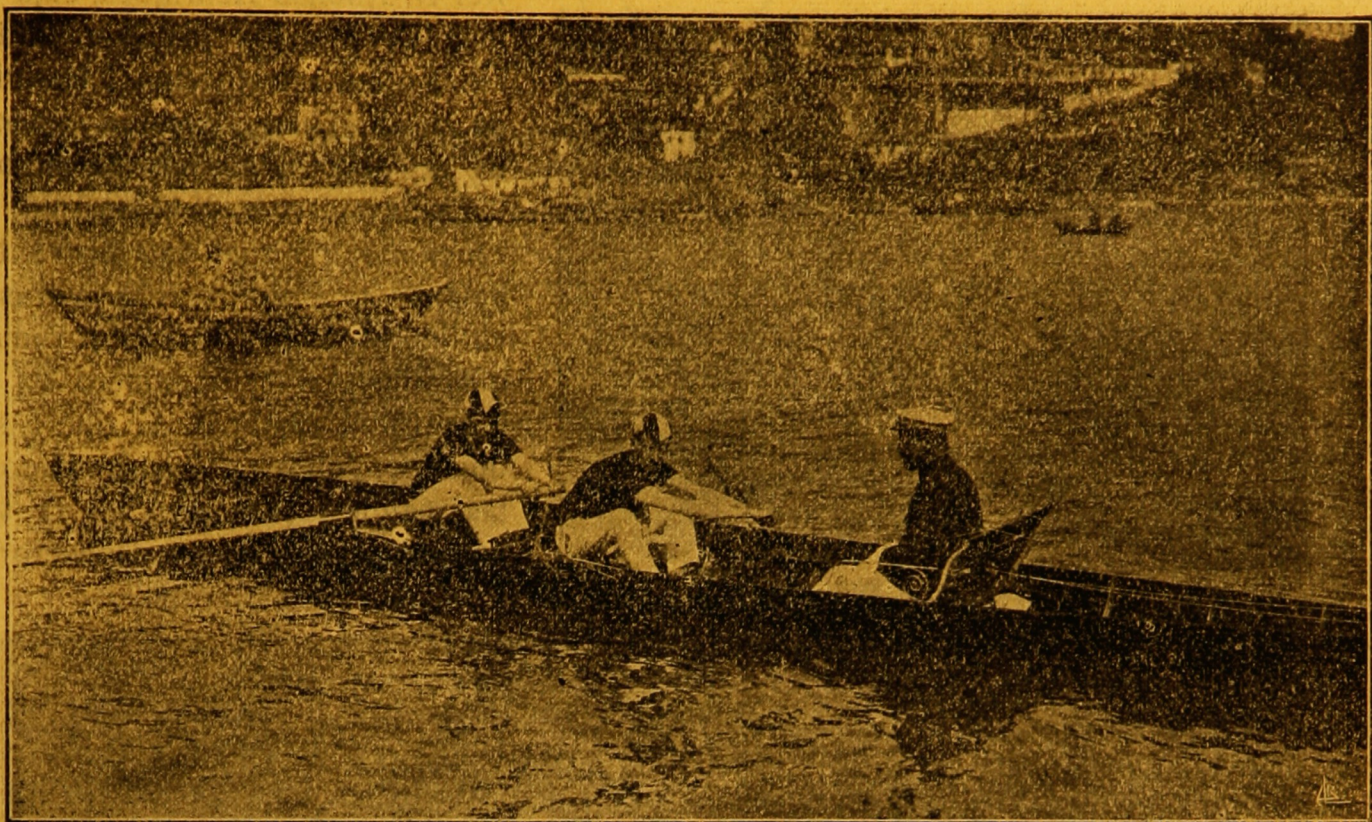
8.^a corr da, *renders a singellos* ganhou a «Diu».

Todos os amadores foram muito aclamados pela multidão.

A's tripulações das embarcações vencedoras, além dos premios, foram conferidas medalhas de *vermeil*.



Tripulação vencedora da oitava corrida de «renders»



Tripulação vencedora do Club Fluvial Villacondense

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O jury foi constituído pelos snrs. Francisco de Aguiar Villela, Antonio Marques da Cunha, David José de Pinho, Antonio Fernandes Baptista e Manuel Augusto da Costa Junior.

Depois da corrida e da distribuição dos premios foi offêrecido a todos os convidados um delicioso copo d'agua, sendo o serviço fornecido pela acreditada Confeitaria Oliveira.

GUIMARÃES == FESTA DE S. THIAGO



Comprando um ramo de mangerona

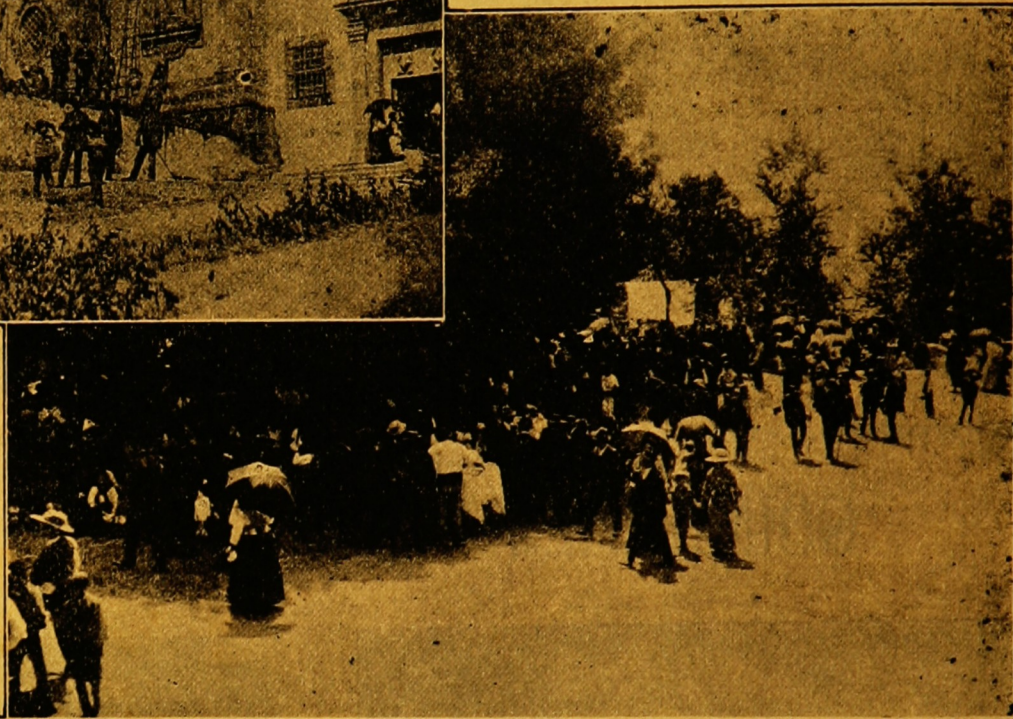


Vendedeira de limonada



**Templo de
Santa Marinha da Costa**

No bello templo de Santa Marinha da Costa, reconstruido em 1748, e cuja fundação data do tempo do



**Um aspecto do
arraial'**



Banda dos «Zes Perciras»

(Clichés do phot. amador L. Souto)

Rei D. Affonso Henriques, cuja mulher D. Mafalda mandou edificar, realisou-se a tradicional festividade de S. Thiago, sempre concorrida de copioso numero de devotos.

Decorreu com brilhantismo excepcional do qual são prova bem patente as pittorescas gravuras de varios aspectos d'aquella romaria que illustram este numero da «Illustração Catholica». E' que o sentimento religioso propulsionando estas manifestações typicas da vida nacional reune com o esplendor da

crença vivida, inegalaveis traços de esthetica.

Esta festa de S. Thiago é testemunho eloquente da religiosidade do povo vimaranense que, aliás, tantas e tão inolvidaveis demonstrações nos dá continuamente d'isso.

Uma sympathica festa religiosa



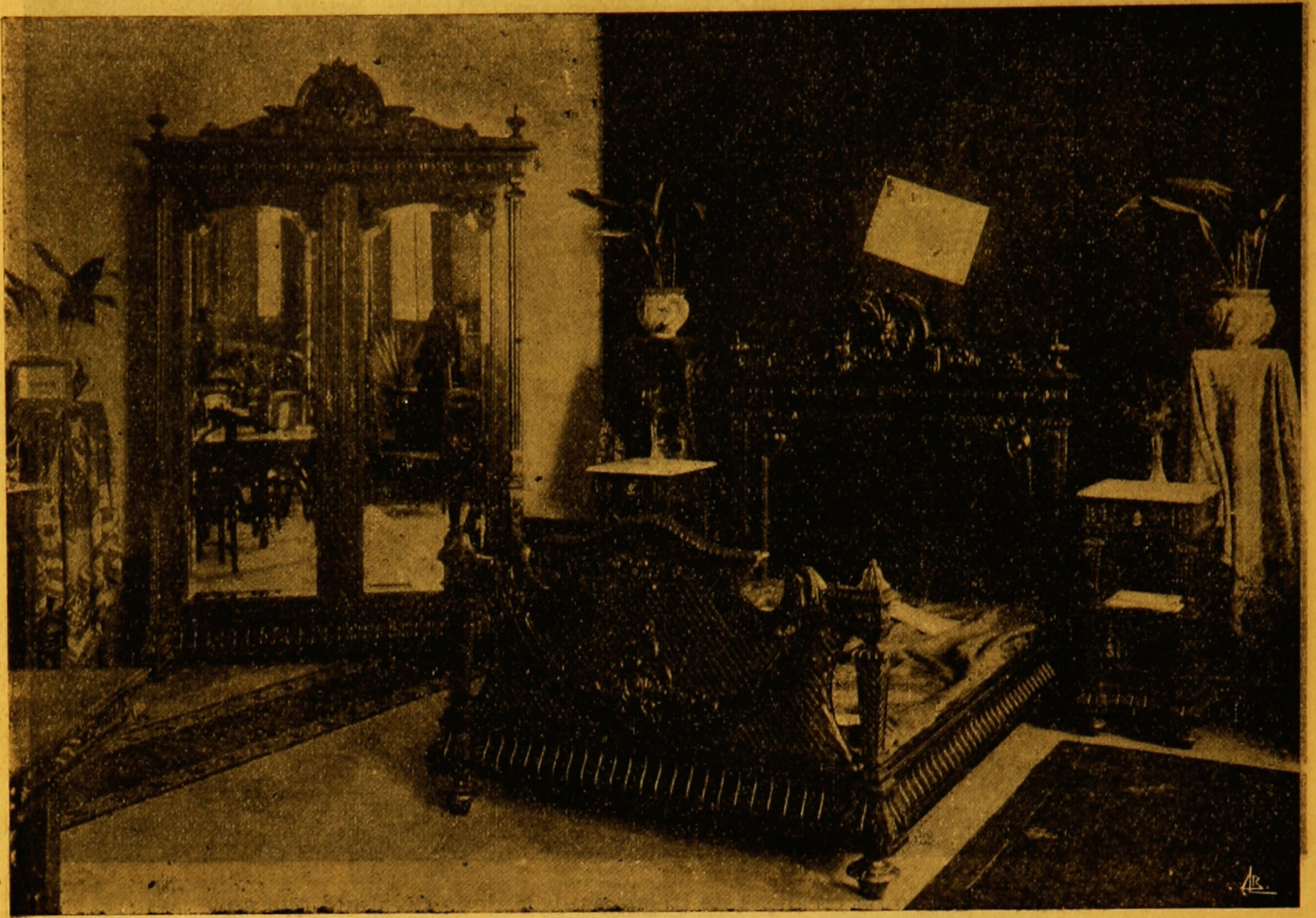
BRAGA — Grupo de creanças da freguezia de S. João do Souto que no passado dia 3 receberam a primeira communhão



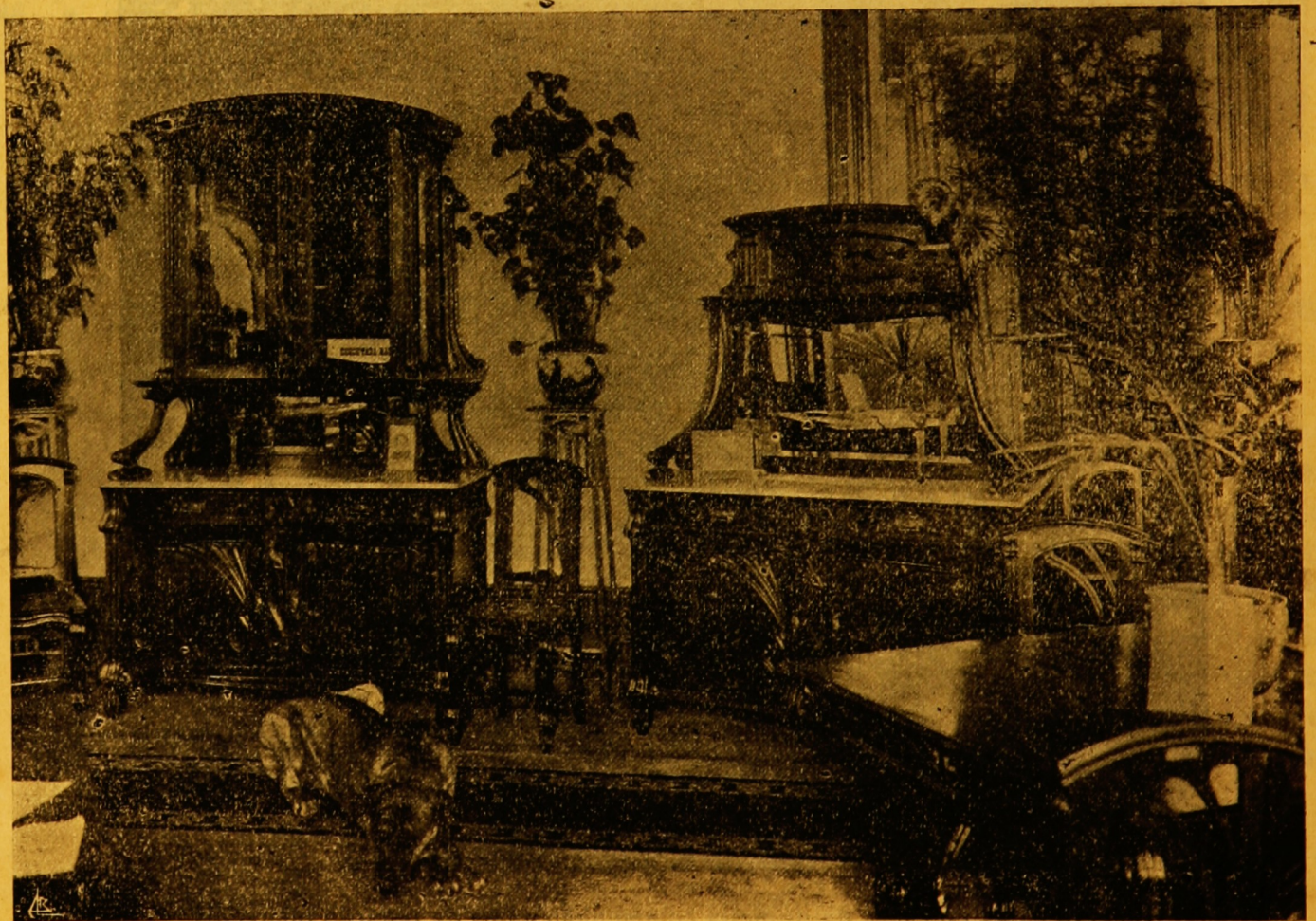
(Clichés do distinto
amador phot. Braz
L. de Carvalho).

BRAGA — As creanças da primeira communhão antes da refeição offerecida pelo seu zeloso parochio Abba de José do Egypto Vieira

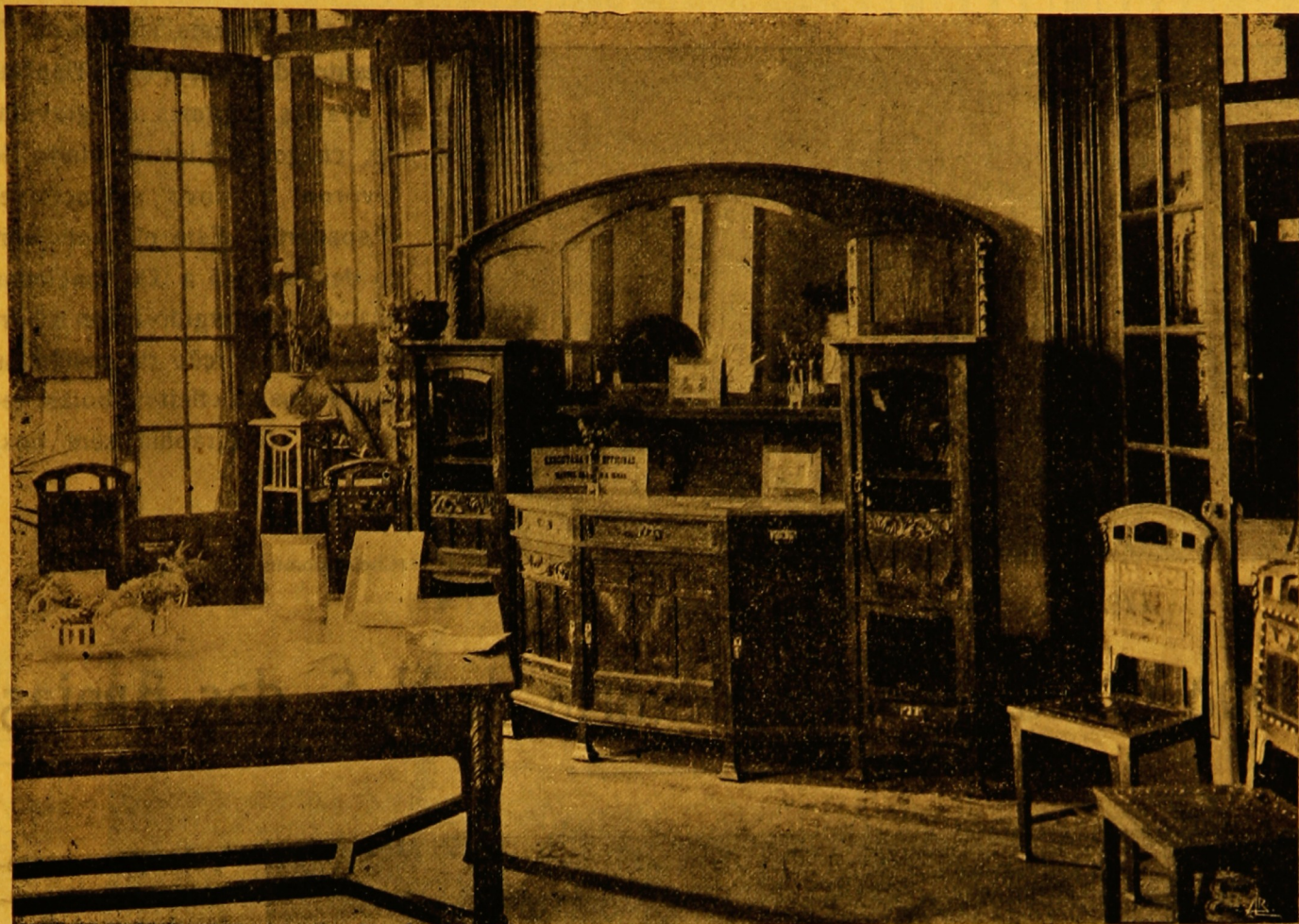
Ainda a Exposição-Mostruario das Artes e Industrias de Braga



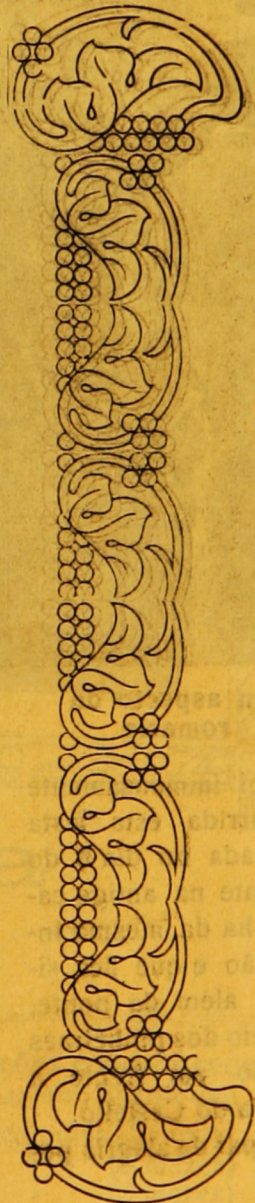
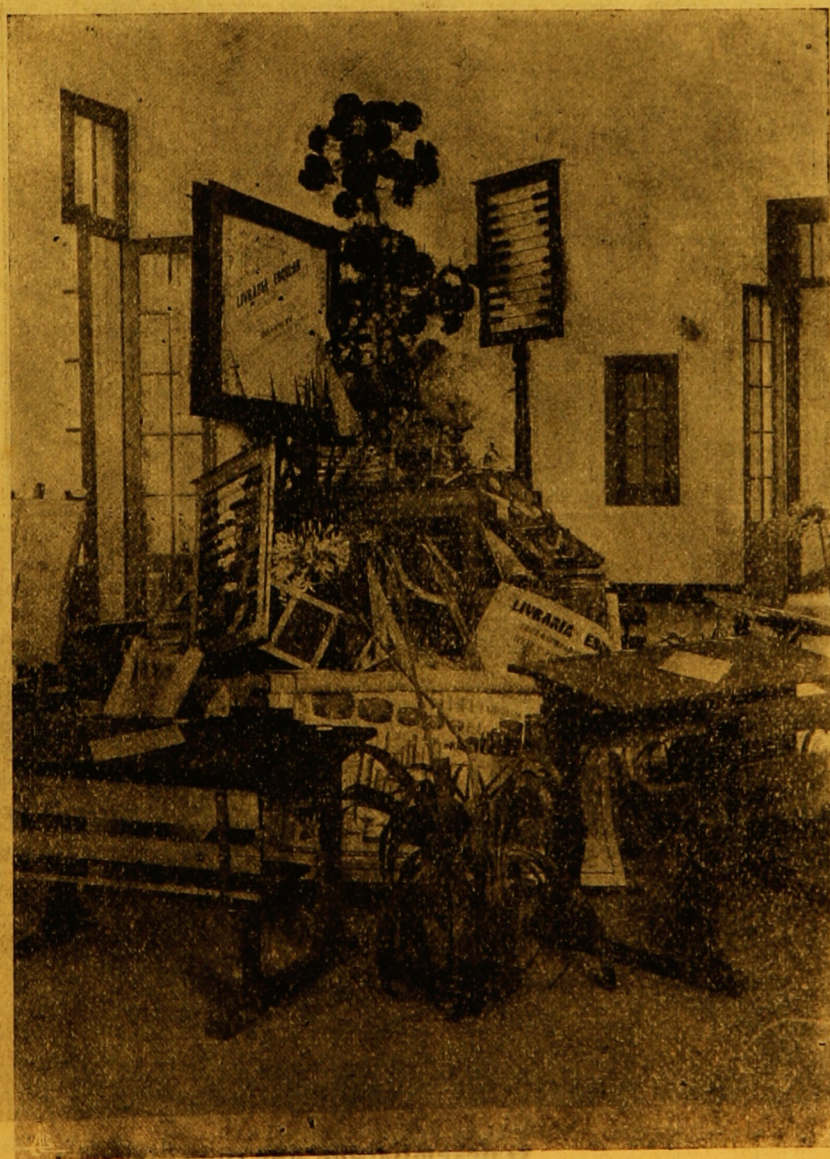
Exposição-mostruario — *Mobilia de quarto estylo Luiz XIV.* Expositores, Manuel Carneiro & Irmão



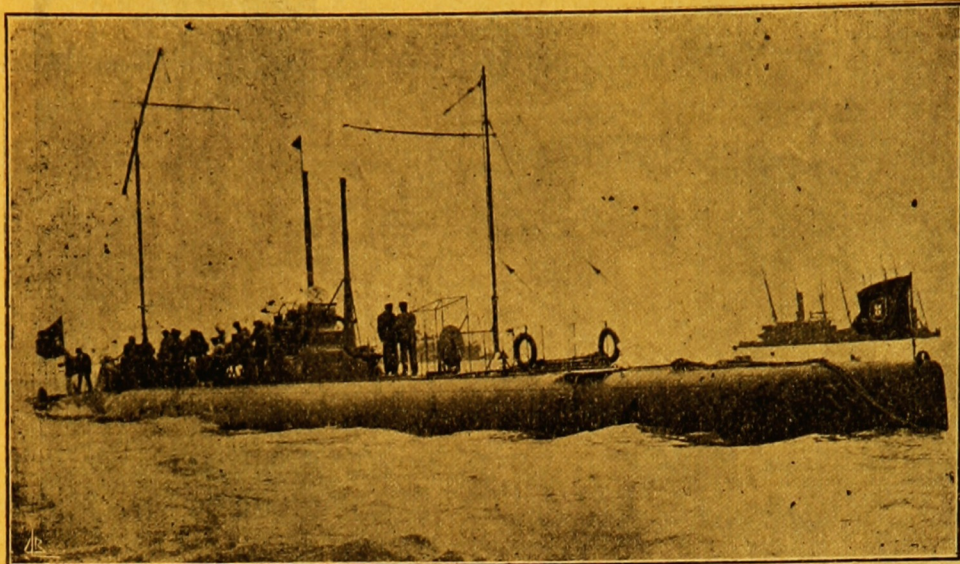
Exposição-mostruario — *Mobilia arte nova.* Expositores, Manuel Carneiro & Irmão



Exposição-mostruario — *Mobilia arte nova*. Expositores, Manuel Carneiro & Irmão



Exposição-mostruario — *Aspecto da exposição da Livraria Escolar*. Expositores, Cruz & C.^a



LISBOA.— O novo submersível «Espadarte»

Depois de uma viagem de 70 e tantos dias cheia de peripecias e avarias, algumas de gravidade, chegou a Lisboa, vindo de Livorno, o novo submersível «Espadarte». Este elegante barco desloca 245 a 300 toneladas quando submergido e tem a bordo grande porção de machinas para todos os effeitos, boias, telephone, telegraphia sem fios, etc., etc.

(Cliché do nosso correspondente phot. em Lisboa).

Vianna do Castello.==A romaria de N. S. das Areias



pular tão característica n'esta romaria não deixou de se manifestar tambem o espirito religioso dos povos circumvisinhos que ali foram com sete clamôres da mais tradicional usança.

Durante a tarde foram muitos os barcos que ali levaram milhares de pessoas para gosar o encanto do passeio.

Um aspecto da romaria

Foi immensamente concorrida esta festa realisada no dia 3 do corrente na antiga capellinha da mesma invocação e que fica situada além da ponte, no meio dos pinheirae mesmo em frente a Vianna do Castello.

A par da alegria po-



O desembarque dos romeiros

(Clichés do amator phot. E. Rocha)